

## Verão

### I

“Entediada!...” e gestos de torcida, louvor a isto. Ah, os gostos frívolos tornaram a me deixar, como no sempre. Grande prazer em sugar lentamente o sutil adocicado da minha solidão silvestre; – refletidos os céus polares pela Labradorita para meus gatos no trópico. O violão de Fahey adornando o humilde palco onde ocasionalmente a redenção se mostra, quase sempre no vestido bege qual um saco de batatas, em carrapichos e umas flores que garraram no caminho. Na simplicidade agreste, voam mais leves as vossas plumas verdeazuis para o vermelho do Crepúsculo.

O sol pregado no alto como o supremo imóvel. Eu piscava os olhos ao longo da hortinha do bairro, o tilintar de algumas palavras da Boahora fazendo alvas cócegas ao meu peito de Biguá, sonolento dos remédios. Quando estalou o braço lilás eletrizado, quando vociferou o trovão em pleno e escaldante sol. O sol, o vi, entumescido por entre as folhas animadas. O vi, magnificamente por detrás da mística cortina de água que ventava; – era branco e tinha suas centelhas douradas tão discretamente refletidas ou pingando. Esse Verbo! em suas boas vindas e idas fazendo acasalar o fogo com as águas. Vinha o Arco-iris: era mesmo a sua Fala.

No capinzal dilatado, eu não cheguei a ver o Arco. Mas o Arco viu: por dentro as minhas artérias saudosas, e irisou-me a seiva com seus flocos radiantes da Boahora.

### II

No promontório de pedra, observei os farfalhares na nuca do espetáculo vário de árvores. De junto do rio que caía, um Rato me segredou sobre a solene existência do *Balaeniceps rex*, dos pântanos africanos; – essa uma monstruosa ave gris azulada com bico-de-, chamam, sapato. Espetáculo vário de Aves! e soprando por entre as copas quentes.

Seguem os contínuos filetes de rio, caudas dos pequenos dragões... Ao deixar a mata, ao olhar para a mata que deixava. Farafalhou uma memória que se tinha perdido, uma das favoritas, que sagrada e iniciática. Ao deixar os corredores áridos do Ibitipoca, ao olhar para os corredores que deixava. Patas sólidas na pedregosa falda do monte e tucanos a marchar, berrantes, pelo véu celeste. Áridas, místicas lágrimas derramadas, e logo vi, no soslaio atravessando, arbusto adentro, carcaça inconfundivelmente familiar. O Guará!... disseram. Em pleno sol? No que adentrando com os olhos para desvelar, desvelei: deitado no mato seco, em repouso, que era mesmo um Cachorro.